

# MONTARIA A CAVALO: UM CONVITE AO ESTUDO ANTROPOLÓGI- CO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE HUMANOS E ANIMAIS NA EQUOTERAPIA

Luna Castro Pavão<sup>1</sup>

Sob perspectiva antropológica, a pesquisa busca compreender como se delineia a interação entre humanos e animais no interior da prática terapêutica contemporânea denominada equoterapia. O objetivo inicial do estudo consiste em definir o lugar que os cavalos ocupam neste espaço terapêutico, investigando-se o modo pelo qual estes animais em particular são avaliados e posicionados pelos outros atores envolvidos. Estariam estes animais presentes apenas como ajudantes, num viés utilitarista ou, mais do que isto, como substitutos ou complementares aos terapeutas humanos? Na equoterapia, os estatutos de cavalos variam nas diversas situações, sugerindo que a agência imputada a eles pode estar em discussão. Embora ainda em fase de análise, apresento neste artigo alguns tópicos que orientam a pesquisa em curso. Nas observações que se seguem, busco explorar detalhes das relações múltiplas que se desenham entre cavalos, terapeutas, auxiliares-guia, praticantes<sup>2</sup> e familiares de praticantes. Sugiro que as relações entre humanos e animais, conforme emergem no Centro Equestre onde realizei as visitas de campo, são modeladas por um conjunto de ações corporais que se articulam a modos de comunica-

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social (PPGAS), Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

<sup>2</sup> Segundo relatos dos terapeutas interlocutores da pesquisa, na equoterapia prioriza-se o uso do termo “praticante” em detrimento de “paciente” para pessoas em tratamento (embora este último tenha sido utilizado por eles em algumas de suas falas). O termo “praticante” parece ser uma maneira de enfatizar o papel ativo daquele que se encontra em tratamento, em detrimento da ideia de paciente, que remeteria à condição de passividade apresentada por aqueles que apresentam deficiência.

ção verbal e não verbal. Sobretudo, pretende-se discutir tipos de experiência que tomam parte no Centro, em que o corpo é a condição de possibilidade de diferentes modos de comunicação, na modalidade verbal mas também aquelas que excedem o uso da linguagem, entre alteridades discursivas e não discursivas (Kohn, 2013). O intuito da pesquisa é explorar as possíveis composições de corpos, humanos e animais, que tomam parte nas sessões de montarias. A fim de que executem ações corporais pré-definidas, terapeutas e auxiliares-guia do Centro Equestre estabilizam cavalos dentro de certo regime de domesticação, o qual será discutido mais adiante<sup>3</sup>. A prerrogativa de manter corpos sob controle é também marcada por uma série de inferências sobre intenções e preferências que os cavalos manifestam durante as sessões, e que são lidos como necessidades fisiológicas (como urinar) ou, então, como um comportamento estratégico, em que cavalos “fingem” urgência fisiológica, quando, na verdade, estariam com “preguiça” de caminhar. É neste sentido que as ações de cavalos durante as montarias interessam, como indicadores de intenções ou necessidades, que os terapeutas analisam a partir dos movimentos por eles executados (Despret, 2004). Frente ao crescimento significativo de debates em torno da presença dos animais nos mais variados âmbitos do mundo social (Haraway, 2008; Helmreich & Kirksey, 2010; Ingold, 2000), o estudo de sua participação também em contextos ligados à saúde pode indicar a tônica do tratamento conferido aos cavalos ali presentes, e, eventualmente, contribuir para uma reflexão sobre certa reconfiguração política da categoria animal e, portanto, do próprio vínculo humano-animal.

**Palavras chave:** animalidade, humanidade, ações, corpo.

Desde una perspectiva antropológica, esta investigación busca comprender cómo se describe la interacción entre los seres humanos y los animales dentro de la terapia contemporánea conocida como la práctica de equinoterapia. El objetivo del estudio es definir el lugar que ocupan los caballos en este espacio terapéutico, que investiga la forma en que se evalúan y se posicionan por otros actores involucrados estos animales particulares. Estos animales ¿estarían presentes sólo como ayudantes, un sesgo utilitario, o más que eso, como sustitutos o complementos para los terapeutas humanos? En la equinoterapia, los estatutos de los caballos varían en diferentes situaciones, lo que sugiere que se

---

<sup>3</sup> Menos do que preso a uma chave restritiva de relações de poder e dominação (ainda que estas estejam aqui inclusas), procuro, sobretudo, explorar o sentido que a domesticação assume para os atores presentes na equoterapia.

les puede atribuir agencia en la discusión. Aunque todavía en fase de análisis, se presenta en este artículo algunos de los temas que orientan la investigación en curso. En los comentarios a continuación, se busca explorar los detalles de las múltiples relaciones que se dibujan entre los caballos, terapeutas, asistentes de guía, practicantes y médicos de familia. Se sugiere que la relación entre los seres humanos y animales, como aparece en el Centro Ecuestre donde se realizaron visitas en terreno, están conformadas por un conjunto de acciones corporales que articulan los modos de comunicación verbal y no verbal. Por encima de todo, se pretende discutir los tipos de experiencia que participan en el centro, donde el cuerpo es la condición de posibilidad de diferentes modos de comunicación, no sólo la modalidad verbal, sino también aquellas que exceden el uso del lenguaje, entre alteridades discursivas y no discursivas (Kohn, 2013). El objetivo de la investigación es explorar las posibles composiciones de los cuerpos, los seres humanos y los animales, que participan en sesiones de montura. Con el fin de que realicen acciones corporales pre-definidas, terapeutas y auxiliares del Equestrian Center estabilizan a los caballos de guía dentro de un determinado sistema de domesticación, que será discutido en el trabajo. El derecho a mantener bajo control los cuerpos también está marcado por una serie de inferencias sobre las intenciones y preferencias que los caballos manifiestan durante las sesiones, que se leen como las necesidades fisiológicas (para orinar), o bien como un comportamiento estratégico, en el que los caballos “pretenden” tener una urgencia fisiológica cuando, de hecho, sería que son “perezosos” para caminar. Es en este sentido que las acciones de los caballos durante las monturas, como indicadores de la intención o necesidades, son analizadas por los terapeutas a partir de los movimientos realizados por ellos (Despret, 2004). Frente al crecimiento significativo de los debates en torno a la presencia de animales en diferentes ámbitos del mundo social (Haraway, 2008; Helmreich y Kirksey, 2010; Ingold, 2000), el estudio de su participación también en contextos relacionados con la salud puede indicar el tratamiento dado a los caballos en la actualidad, y, finalmente, contribuir a una reflexión sobre cierta reconfiguración política de la categoría de los animales y, por tanto, el propio vínculo humano-animal.

**Palabras clave:** animalidad, humanidad, acciones, cuerpo

Under anthropological perspective, the research seeks to understand how outlines the interaction between humans and animals within the contemporary therapy known as hippotherapy practice. The objective of the study is to define the place that horses occu-

py this therapeutic space, investigating the way in which these particular animals are evaluated and positioned by other actors involved. These animals would be present only as helpers, a utilitarian bias or more than that, as substitutes or complements for human therapists? In hippotherapy, the statutes of horses vary in different situations, suggesting that the agency may be imputed to them in discussion. Although still under analysis, I present in this article some topics that guide the ongoing research. In the comments below, I try to explore the details of multiple relationships that are drawn between horses, therapists, assistants, guide, practitioners and family physicians. I suggest that the relationship between humans and animals, as emerged in the Equestrian Centre where I conducted field visits, are shaped by a set of bodily actions that articulate verbal modes of communication and non-verbal. Above all, we intend to discuss types of experience taking part in the Centre, where the body is the condition of possibility of different modes of communication, verbal mode but also those that exceed the use of language, between discursive alterities and not discursive (Kohn, 2013). The aim of the research is to explore the possible compositions of bodies, humans and animals, taking part in mounts sessions. In order to perform pre-defined bodily actions, therapists and the Equestrian Center auxiliary guide horses stabilize within a certain domestication system, which will be discussed later. The right to keep bodies under control is also marked by a series of inferences about intentions and preferences that horses manifest during the sessions, which are read as physiological needs (to urinate) or else as a strategic behavior, in which horses "pretend" physiological urgency when, in fact, would be to "lazy" to walk. It is in this sense that the actions of horses during steeds interest as indicators of intent or needs, therapists analyze from the movements performed by them (Despret, 2004). Front significant growth of debates around the presence of animals in various spheres of the social world (Haraway, 2008; Helmreich & Kirksey, 2010; Ingold, 2000), the study of their participation also in health-related contexts may indicate the tonic the treatment given to present their horses, and eventually contribute to a reflection on certain political reconfiguration of the animal category and therefore the own human-animal bond.

**Keywords:** animality, humanity, actions, body

## I. As novas terapias urbanas com animais: o cavalo é terapeuta?

Desde a Antiguidade os animais desempenham papel na manutenção da saúde humana e em procedimentos de cura. São também inúmeras as ocorrências de usos de animais como remédios para o corpo humano, conforme se apresentam nas etnozooterapias. Nestas, são utilizadas partes do corpo de animais (ou seus produtos) como agentes terapêuticos e curativos na saúde humana, manipulados de diversas formas, como em amuletos, encantos, ingestões ou utilizados por via externa (Costa Neto e Alves, 2010).

Esta pesquisa se situa, porém, em outro contexto de apropriação de animais para finalidades terapêuticas. A partir da década de 90, espaços variados ligados à saúde humana, como hospitais, asilos e clínicas de fisioterapia e psicoterapia, dentre outros, passam a incluir animais em seus domínios como recurso terapêutico capaz de promover a saúde e bem-estar de pessoas com deficiência física e motora, autismo, síndrome de Down, esclerose múltipla, dentre outros (Oliva, 2010). Na proposta científica da equoterapia, diz-se que o cavalo está presente como mecanismo de estímulo e desenvolvimento de habilidades sociais, psíquicas e físico-motoras (Tannus de Mesquita, 2006).

Neste sentido, o cavalo inserido na equoterapia parece deter um estatuto distinto daquele outorgado a animais em etnozooterapias mencionadas acima. Embora sua presença ainda se oriente para benefícios exclusivamente humanos, o animal nas novas terapias urbanas parece alocado em termos dos ganhos que, quando vivo, é capaz de oferecer ao corpo, saúde e bem-estar humanos. Por outro lado, animais “terapeutas” parecem se diferenciar de “animais trabalhadores”<sup>4</sup> ou “animais de serviço”, geralmente burros e bestas usados para transporte de carga e tração, cuja presença nas atividades humanas é dada fundamentalmente em termos de vantagens instrumentais e econômicas.

Nas zooterapias, portanto, a especificidade do vínculo com os animais parece estar marcada por uma somatória de atributos presentes tanto nos animais de etnozooterapia (o potencial de cura nas partes de seu corpo) quanto nos animais trabalhadores (a eficácia motora dos animais de carga, por exemplo, e a obrigato-

---

<sup>4</sup> Ainda que, frequentemente, os cavalos da Hípica onde as visitas de campo foram feitas recebam o predicado de trabalhadores (e seja comum o uso de expressões como “Vagalhão se aposentou”, ou “Fantasia recebeu a licença-maternidade”, ou “Trovão foi mandado embora”), os cavalos presentes na equoterapia manifestam características múltiplas que dinamizam e ultrapassam o estatuto de animais trabalhadores, como tentarei apresentar mais adiante.

riedade do contato físico com o animal vivo), o que indicaria, sobretudo, que a capacidade agentiva imputada aos animais em cada um destes grupos assume ordem distinta.

As discussões preliminares que apresento a seguir estão baseadas no acompanhamento de cerca de sessenta sessões de montaria junto à Equipe “Crescendo a Cavalo”, nas dependências do Centro Hípico do Parque Eco-Esportivo Damha, na cidade de São Carlos (Estado de São Paulo, Brasil).

A maioria dos praticantes do Centro de Equoterapia observado é formada por crianças de 3 a 17 anos, das quais grande parte apresenta deficiência física e/ou mental. Trata-se, portanto, de um quadro terapêutico em que praticantes apresentam condições corporais e/ou mentais diferenciadas de uma ideia mais tradicional de ser humano e corpo humano socialmente hegemônico. Na maior parte dos casos encontrados na Hípica, corpos, comportamentos, ações e reações de praticantes são outros que não aqueles geralmente esperados para o repertório de humanos “normais”, “regulares”, ou “completos”.

## **II. De gestos problemáticos ao “equilíbrio”**

Durante a sessão com o cavalo Dominó e o praticante P., diagnosticado com paralisia cerebral e corpo hipotônico<sup>5</sup>, em tratamento há cinco anos, o terapeuta F. diz que o benefício da equoterapia para este praticante seria a estimulação neurológica, que evita o agravamento do quadro da doença, além de que o movimento do cavalo melhora o tônus muscular e a postura corporal do praticante, proporcionando maior “equilíbrio”. Somar-se-iam, ainda ganhos psicológicos e comportamentais, como a aquisição de centramento e calma, além de melhoras na interação social e na capacidade de fala do praticante.

Mas o que possibilita que a terapia com cavalos tenha efeitos sobre a saúde humana e, hipoteticamente, provoque mudanças na condição corporal, mental e psicológica do praticante, desde estimular a constituição neurológica e muscular, até oferecer estabilidade e calma ao comportamento do praticante? Equoterapeutas explicam os benefícios trazidos aos praticantes como decorrência dos movimentos feitos pelo corpo do cavalo<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Profissionais da área da saúde utilizam este termo para se referir a casos em que praticantes possuem pouca rigidez na postura devido ao comprometimento do tônus muscular.

<sup>6</sup> Vale indagar se também haveria algum ganho para os cavalos envolvidos na equoterapia, segundo a visão dos terapeutas interlocutores da pesquisa.

Noutra ocasião, durante a sessão com a praticante Ag. e o cavalo Dominó, a terapeuta R. afirma que a movimentação do cavalo ajuda a promover a circulação de ar no pulmão da praticante, além de melhorar funções cardíaca e intestinal. Considerando-se que o movimento mecânico do cavalo é elemento-chave que produz reações no corpo humano, qual seria, então, a capacidade agentiva que os cavalos manifestam no interior desta prática terapêutica, e da qual os terapeutas procuram se valer? Como se explica esta transmissão de movimentos, que parte do corpo do cavalo, e pode atingir o corpo do praticante?

### III. Propriedades dos cavalos na equoterapia: força que “desperta”

A terapeuta R. reforça que, ao montar o cavalo, o praticante é influenciado pelo movimento tridimensional feito pelo animal, que *“desperta cerca de vinte mil contrações musculares involuntárias no corpo humano, em apenas trinta minutos de caminhada”*. A praticante Ag., em tratamento há três anos, é descrita pela terapeuta como “o segundo caso mais crítico”. Diagnosticada com aneurisma cerebral, a garota não dispõe de sustentação corporal própria para se manter ereta sobre o cavalo, seu pescoço tomba para trás frequentemente, daí a necessidade de realizar a

montaria dupla<sup>7</sup>, diz a terapeuta que, também montada no cavalo, por trás da praticante, fazia movimentos circulares com suas mãos sobre as costas da garota (que tossia frequentemente), de modo a liberar as secreções que, segundo a terapeuta, a garota não tinha condições de engolir.

Mas a valorização da força dos cavalos não se trata de força física apenas; para os interlocutores, estão em questão ainda outros elementos, tais como a ideia de certa magia e nobreza do cavalo, quando, por exemplo, o psicoterapeuta F. diz que *“O potencial bélico do cavalo se transmuta em terapêutico, daí a nobreza deste animal”*<sup>8</sup>, ou quando, no intervalo das sessões, converso com a mãe da praticante B., que diz sobre a interação de sua filha com o cavalo: *“É linda a relação, tem uma magia. Não sei o que é, mas ela desperta a minha filha. Não é o físico, é porque ela gosta mesmo, eu vejo que ela se sente bem”*.

<sup>7</sup> A montaria dupla ocorre quando terapeuta e praticante montam, juntos, o cavalo. Mas esta prática é evitada, segundo a terapeuta R., por conta do sobrepeso provocado no cavalo e por questões de segurança.

<sup>8</sup> É bastante claro que interlocutores parecem assumir a ideia de que o cavalo seria veículo de força e potência ao corpo do praticante, e a ele emprestaria suas capacidades, habilidades e movimentos. Por outro lado, vale notar se também os cavalos são modificados no encontro com humanos durante a montaria, e se, eventualmente, também eles ganhariam força nesta interação.

O benefício explicado em termos da influência do movimento tridimensional do cavalo sobre o corpo daquele que o monta (*desperta cerca de vinte mil contrações musculares involuntárias no corpo humano, em apenas trinta minutos de caminhada*) sugere que está em questão certa troca ou entrega (ou comunicação) de força física dos cavalos para os (músculos) humanos. Nestes termos, poderíamos pensar o movimento tridimensional sendo uma força que o cavalo comunica ao praticante<sup>9</sup>.

Novamente, é de se indagar qual é a natureza da ação que os cavalos são capazes de transportar para pessoas com síndrome de Down, ou aneurisma cerebral, por exemplo. Seria algo próprio ao cavalo, uma ação intencional, e/ou uma propriedade que se manifesta uma vez que (e somente se) os terapeutas a manipulam? Considerando que a força manifesta pelo cavalo é passível de ser transmitida para humanos (e por ela desperta reações inúmeras no corpo daquele que o monta), que tipo de força é essa?

Por vezes, terapeutas se referiram à noção de que, ao montar o cavalo, o praticante ganharia outra visão de mundo.

---

<sup>9</sup> Esta comunicação corporal de certa força do cavalo para o praticante remete ao símbolo do cavalo como animal de poder, conquista e guerra, imagem inclusive veiculada pelo terapeuta F., quando comentava a potência e a nobreza dos cavalos.

Segundo as palavras do terapeuta F., o cavalo propicia atitudes de iniciativa ao praticante, modificando a condição de comodismo geralmente imputada às pessoas com deficiência. Somam-se noções como “potência de ação”, “velocidade”, “movimentação” e “força do cavalo”, que, conforme suas palavras, podem ampliar o horizonte do praticante, além de que “(...) o cavalo conduz e reaviva”. Neste caso, o movimento do cavalo (e sua capacidade agentiva) traz ao praticante uma nova capacidade perceptiva (“outra visão de mundo”, “ampliar o horizonte”), mas também agentiva, quando o praticante deixaria a condição de comodismo para trás, ao ser “reavivado” por ele.

Conforme aparece no comentário da terapeuta F. acima, o movimento do cavalo pode atuar a nível fisiológico, e assim modificar estados fisiológicos do praticante como a circulação de ar e a liberação de secreção. Ainda, como disse a mãe da praticante B., o cavalo tem algo de mágico, que “desperta” algo no corpo humano incognoscível, sugerido quando ela diz “Não sei o que é, mas ela [a relação] desperta a minha filha”. Neste caso, na relação entre cavalo, praticante, terapeuta e auxiliar-guia, o cavalo é mais do que uma ferramenta, recurso, ou mediador, mas o centro de atuação de onde provém a “força” (seja ela explicada em termos mecânicos, fisiológicos e/ou psico-



lógicos) que produz efeitos significativos no corpo daqueles que montam o cavalo. Mas estas questões se complicam se analisarmos mais detalhadamente a dinâmica de ações que cavalo, praticante, terapeuta e auxiliar-guia, juntos, executam (de modos distintos) durante as montarias.

#### IV. Circuito de comandos: ações e reações

Conforme exposto anteriormente, a terapia com cavalos consiste na interação física do *praticante* com o cavalo, promovida pelo conjunto da equipe, principalmente, no ato da montaria<sup>10</sup>. O grau e a natureza da interação que o praticante pode ter com o cavalo, porém, varia de acordo com

---

<sup>10</sup> É dito pelos profissionais que as doenças e transtornos humanos específicos de cada praticante determinam o modo como as sessões terapêuticas serão realizadas, bem como o cavalo que será escolhido para as montarias, em adequação ao diagnóstico apresentado pelo praticante. O que nos leva a pensar que terapeutas pretendem executar certo “encaixe” de corpos, humanos e animais. Atributos do cavalo, como a maior altura e ritmo mais acelerado, são encaixados a atributos de praticantes, como a aqueles que desempenham maior autonomia corporal em cima do cavalo. De outro modo, cavalos de menor porte e ritmo mais lento de sua caminhada são “encaixados” a praticantes com quadros mais severos de hipotonia e baixa sustentação corporal, que dependem significativamente do terapeuta para manter seu corpo ereto sobre o cavalo.

o diagnóstico do praticante, como me alertou a terapeuta R.

O diagnóstico dos praticantes, procedimento feito pelos mesmos terapeutas e que autorizam ou não o “candidato” a ser praticante, divide os praticantes entre aqueles que apresentam atitudes mais ativas ou passivas, de acordo com o maior ou menor grau de sua autonomia corporal enquanto estão sobre as costas do cavalo. Em alguns casos (minoria), a sessão é realizada de modo que o praticante tem seu corpo suportado ou abraçado pelo corpo do terapeuta. Nestas ocasiões, terapeutas utilizam de pouca comunicação verbal com praticantes, mas, por outro lado, exercem contato corporal mais diretamente, como foi descrito acima para a praticante Ag. No que se refere à interação do praticante com o cavalo, esta é dada em termos de estimulação motora e neurológica, e o contato físico de seus corpos resume-se a glúteos na sela sobre o cavalo, pernas e pés deslizados pelas laterais do cavalo.

Já quando se trata de praticantes com maior autonomia corporal, e que manifestam propriedades discursivas, o terapeuta, desta vez, dispõe de pouco contato corporal com o praticante (geralmente mais distanciado dele e, portanto, do cavalo), mas se vale de comandos verbais para orientar as ações que aquele deve executar sobre as costas do cavalo. Neste

caso, a interação do praticante com o cavalo está baseada no toque entre diversas partes dos corpos.

Nestas circunstâncias, a dinâmica da montaria segue o seguinte padrão. O grupo (terapeuta, praticante, auxiliar-guia e cavalo) caminha juntamente por áreas específicas da Hípica, tais como a pista de areia, redondel, bosque, dentre outras. Durante a sessão de meia-hora, praticante, auxiliar-guia e cavalo executam movimentos específicos. Terapeutas enviam “comandos” para dirigir a ação e corpos de auxiliar-guia, praticante e cavalo. Comandos são instruções verbais ou toques corporais pelos quais os terapeutas pretendem fazer entender o movimento e ação que os outros membros do grupo devem realizar durante a montaria. No que se refere ao par terapeuta-praticante, o primeiro é aquele que conduz e direciona os movimentos do segundo, sugerindo-lhe uma série de movimentos corporais a serem feitos sobre o cavalo, enquanto este caminha. Glúteos apoiados sobre as costas do cavalo, as mãos seguram ou puxam a boca do animal por meio das rédeas, joelhos tocam propositadamente a barriga dos cavalos, e os pés se encaixam nos estribos pendurados nas laterais do cavalo<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Estribos são apoios onde se encaixam os pés do praticante, pendurados na lateral do cavalo, e estão ligados à sela colocada sobre as costas do cavalo, onde o praticante, sentado, posiciona seus glúteos.

Ainda, terapeutas instruem exercícios de alongamento, flexão, torção, a serem feitos durante a caminhada, e reforçam atitudes no praticante como aprofundar a respiração, se concentrar, atentar para o equilíbrio e postura. Estas dinâmicas de movimentos, além de estender os braços, pernas, impulsionar o quadril, ficar em pé, se deitar ou sentar de costas sobre o cavalo, além da posição de “índio morto” (quando o praticante deita de barriga para baixo sobre as costas do cavalo), são algumas das posições que fazem parte do repertório corporal oferecido ao praticante durante a montaria.

Ao mesmo tempo em que continua a orientar as ações do praticante, também o terapeuta estabelece certo repertório corporal o auxiliar-guia. Por instrução verbal, o terapeuta pede ao auxiliar-guia que realize movimentos e variações no passo do cavalo. A velocidade (mais lenta ou mais rápida) e o tipo de “andadura” que o cavalo realiza (“ao passo”, trote e galope), portanto, são direcionados pelo auxiliar-guia.

A movimentação na corda, mais forte ou mais fraca, de um lado para o outro, são “comandos” que o auxiliar-guia, com uma de suas mãos, informa ao cavalo quais ações que deve executar. Embora siga as orientações do terapeuta em relação ao modo como deve conduzir o animal, é o auxiliar-guia quem está em contato direto e contínuo com o corpo do

cavalo (além do praticante) e que, através dos movimentos de sua mão no cabresto, mantém o corpo do cavalo alinhado aos objetivos do terapeuta em cada fração da sessão de montaria<sup>12</sup>. Este último, posicionado à frente do grupo, está próximo à cabeça e boca do cavalo (e, de certa forma, desempenha certo grau de controle em frações deste circuito de comandos e ações).

Cavalos<sup>13</sup>, de sua parte, executam os movimentos linhas retas, semicírculos, círculos e ziguezagues, seguindo a informação que lhes chega por meio da corda que está ligada ao cabresto posicionado em sua cabeça. Por sua vez, o auxiliar-guia puxa a corda com mais ou menos força, e assim gradua o contato com o cavalo a partir das informações verbais dadas pelo terapeuta. O cavalo, idealmente, executa seus passos de acordo com o sentido e a direção sugerida pela tração na corda nas mãos do auxiliar-guia<sup>14</sup>.

---

<sup>12</sup> Este, por sua vez, estaria em contato indireto com o cavalo, porém, em contato direto com o praticante.

<sup>13</sup> A discussão em torno da presença, inclusão ou apropriação dos cavalos no interior da equoterapia, e sua posição no debate em termos de Direitos Animais permanece em aberto durante esta pesquisa. Deste modo, questões sobre se e como e estes cavalos estariam sendo explorados, oprimidos ou dominados persistem em exame.

<sup>14</sup> As condições de possibilidade para a coordenação de movimentos entre terapeuta, praticante, auxiliar-guia e cavalo, bem como a distribuição de

A discussão a seguir pretende explorar mais detalhadamente o regime de ações a partir das possibilidades de comunicação estabelecidas ao longo da montaria. Nestas, cavalos, conforme recebem e produzem sinais de comunicação aos humanos, e assim ocupam lugares variados em regimes de atuação (Despret, 2004; Haraway, 2008; Kohn, 2013).

### V. “Este cavalo me entende”. A comunicação e os movimentos

O uso de gestualidades e sinais corporais parece válido para entendermos as relações entre animais e humanos que aparecem na equoterapia. Terapeutas e praticantes valem-se da comunicação verbal, quando associam verbos ao nome do cavalo em questão, tal como “vamos, Dominó”, ou “anda, Chocolate”, de modo a iniciar a caminhada ou, então, “acelera aí”, para aumentar o ritmo do passo do cavalo. Estes comandos de voz, todavia, são intercalados com sons feitos com a boca, tais como os “beijinhos” (*Tchú tchú tchú*), que objetivam estimular os cavalos a continuar a caminhada, além do “*Rãp, rãp, rãp*”. É comum, também, que terapeutas ou praticantes deem “tapinhas” na

---

comandos por uns e sua execução por outros, serão discutidas adiante.

lateral do cavalo, para incitá-lo a iniciar ou continuar a caminhada<sup>15</sup>.

Produzir sons com a boca, tocar partes do corpo, bater com as mãos (no caso, da terapeuta) ou pés (do praticante) na barriga do cavalo, usar da tração da corda presa ao cabresto (auxiliar-guia), são procedimentos que, sobretudo, sugerem o uso de certa linguagem semiótica-corporal. Neste sentido, cavalos e humanos interagem a partir de gestos e toques que geram respostas das partes envolvidas e, portanto, se comunicam significativamente por meio de “convites corporais” (originalmente, *“corporeal invitation”*, Haraway, 2008, p.239).

Certa ocasião, logo após a montaria, quando voltávamos ao estábulo<sup>16</sup>, o praticante D., voltando-se à terapeuta, diz:

---

<sup>15</sup> Em casos em que o cavalo permanece parado, em última instância, terapeutas pedem ao auxiliar-guia para que o faça andar, e este deve puxar a corda conectada à cabeça do cavalo com mais força.

<sup>16</sup> O estábulo, além de abrigar as cerca de vinte baias dos cavalos da Hípica, é também o local onde os preparativos para as sessões são feitos. É ali que os familiares e praticantes se dirigem ao chegar na Hípica, onde geralmente os primeiros aguardam em bancos durante a sessão de montaria de seus filhos. Os praticantes, de sua parte, após vestirem o capacete de segurança, são conduzidos à plataforma, acompanhados pelos terapeutas. Uma vez ajustada a sela sobre as costas do cavalo (procedimento realizado pelo auxiliar-guia seguindo a orientação dos terapeutas) e a altura dos estribos onde os pés se encaixam, os praticantes sobem às costas do cavalo com a ajuda ou não das mãos do terapeuta.

“Este cavalo me entende”. A profissional pergunta: “Mas seus comandos são dados em português, como a gente está conversando aqui?”. O garoto responde negativamente, e explica que usou de suas mãos e corpo para indicar os movimentos desejados ao cavalo e este, tendo entendido os pedidos corporais do praticante, os teria realizado, atendendo ao solicitado. Neste caso, podemos pensar que o “chamado corporal” do praticante, além de ser recebido, foi compreendido e, sobretudo, aceito pelo cavalo. Outra indicação de que a comunicação com o cavalo requer de gestualidades aparece quando, durante a sessão com o cavalo Dominó, o terapeuta F. alerta ao garoto: “Quando ele levanta a orelha, quer dizer que você está mandando nele, ele presta atenção em você (...). Ele não entende o que você fala [em português]. O contato tem que ser com perna e rédea”.

A temática da comunicação, corporalidade e afetos (Despret, 2004) abre espaço para pensarmos expectativas e interesses dos atores que estão em jogo no contato corporal prefigurado nas montarias. Conforme exposto anteriormente, as relações com os animais se dão por sinais de comunicação verbal e não-verbal e respostas a eles. Nesta linha de pensamento, a distribuição de comandos (linguísticos e extralinguísticos) por parte de terapeuta, auxiliar-guia e praticante, e as su-

cessivas ações correspondentes, por parte do cavalo, produz certos mundos comunicativos entre humanos e cavalos. Segurar a alça da sela, atentar para a respiração, segurar ou soltar as rédeas, ajustar o corpo ao assento, alinhar a postura, são gestos executados no intuito de provocar, estimular, pausar ou impedir certos movimentos no cavalo, e sustentam as comunicações com o cavalo. Estes usos do corpo, todavia, podem falhar e receber respostas não solicitadas por parte dos cavalos<sup>17</sup>, quando estes deixam de executar as solicitações corporais enviadas por praticante, terapeuta e auxiliar-guia.

Em sessão realizada no redondel<sup>18</sup> com o praticante L.F. e o cavalo Nini, a terapeuta R. sugere ao garoto, ao notar que o cavalo não realiza o movimento circular conforme o desejado por ela: “*Levanta a mão de dentro para o cavalo ir para fora [e preencher o círculo imaginado traçado em relação ao cercado da pista]*”. Mas o cavalo continua caminhando com certo afastamento em relação à cerca,

---

<sup>17</sup> Diferentemente da análise que Haraway faz da interação com sua cachorra no esporte *agility* (2008), na montaria, porém, a comunicação entre humanos e cavalos tem um propósito bastante claro, qual seja, a obediência e a compreensão do cavalo, de modo que este execute os movimentos precisos que permitem um alcance terapêutico para o tratamento de humanos.

<sup>18</sup> Pista circular de terra, com cerca de madeira, utilizada nos programas pré-esportivos e esportivos (também chamados de equitação terapêutica).

e então a terapeuta reforça: “*Tem também que fazer a “jogadinha” do quadril e o chicote para dentro [em direção ao centro do redondel] (...). O chicote é uma indicação de que não é para ele jogar a bunda para dentro. Com o chicote você está dizendo para ele colocar a garupa para fora*”. Neste caso, o recurso de equipamentos, como o chicote, parece reforçar a tentativa de comunicação entre humanos e cavalos, e indica que os cavalos podem recusar o pedido corporal recebido.

Noutros casos, ainda, além de deixarem de executar o comando, cavalos podem “disputar” com os terapeutas, por exemplo, quando galopam a alta velocidade com o praticante em suas costas, sem que recebam comando para tal. Nestas ocasiões, geralmente, terapeutas consideram que os cavalos, deliberadamente, desafiam as expectativas de ações e movimentos que se esperam deles. O que nos conduz a explorar o modo com que movimentos podem corresponder a estados internos dos cavalos da Hípica, partindo das considerações feitas pelos terapeutas.

Interrupções e mudanças no ritmo da caminhada são, muitas vezes, entendidos como a manifestação de intenções e impressões por parte do cavalo. Durante a montaria, corpos e movimentos são incitados e submetidos a certos modos de investigação por parte de terapeutas (em algumas ocasiões, também por parte

de praticantes). Terapeutas, praticantes e auxiliares parecem ler os movimentos dos cavalos, tomando-os como atos comunicativos que veiculam estados internos do *self* (Kohn, 2013).

## VI. Intencionalidade dos cavalos na Hípica

Exemplos do modo com que terapeutas analisam os movimentos e estados dos cavalos podem ser discutidos como se segue. No decorrer de uma sessão, desta vez com a praticante I., montada no cavalo Vagalhão, e a terapeuta R., montada na égua Sol (novata que estava naquele momento em período de treino na Hípica), os cavalos Vagalhão e Sol aproximam-se, ao que a terapeuta diz à praticante: “O [cavalo] Vaga está querendo paquerar a Sol, está indo para o lado dela. Mas a Sol está interessada nos pôneis [do outro lado do cercado]”. Continuando o trajeto, a égua Sol caminha em direção ao Vagalhão, e a terapeuta diz à garota: “Olha, a Sol quer conversar com o [cavalo] Vaga”.

Quando a terapeuta se refere ao cavalo Vagalhão como querendo “paquerar”, ou que a égua Sol está “interessada” ou quer “conversar”, fica claro que o movimento dos cavalos entre si é interpretado como expressão de intenção (paquerar, interesse, conversar) de um para outro. Ainda na mesma caminhada, a égua Sol

diminui seu ritmo e vira seu corpo em minha direção. A terapeuta me diz: “Ela está querendo te ver. Ah, já sei o que é. Ela acha que você tem ração para dar a ela. Da outra vez que caminhávamos, havia sempre alguém nos acompanhando com um pote de ração nas mãos”. Mais uma vez, a noção de que a égua Sol “queria me ver” evidencia a volição do cavalo, neste caso associada com o interesse por comida “ela acha que você tem ração para dar a ela”. Além disto, conforme o comentário da terapeuta de que a égua estaria aguardando por ração, indica-se também a capacidade de previsão que estes cavalos podem manifestar.

Além de preverem ações humanas, cavalos têm certa percepção diante das circunstâncias, ideia exemplificada quando, referindo-se ao incidente de convulsão que ocorrera com o praticante L.F. durante a sessão com o cavalo Nini, a terapeuta R. disse que “Nini ficou santamente parado”. Ainda, há uma intencionalidade positiva manifestada pelo cavalo, quando a terapeuta reforça que o cavalo Nini teria notado e garantido, “santamente”, a segurança do praticante, ao ficar imóvel enquanto a terapeuta tomava as providências.

Outra ocasião em que a capacidade de percepção dos cavalos em relação a humanos apareceu foi quando o terapeuta F., explicando-me o tipo de intera-

ção com cavalos nas atividades de *Horse-  
manship*<sup>19</sup>, disse que “(...) *Haveria uma  
necessidade de o sujeito se apresentar ade-  
quadamente ao cavalo, de se mostrar emo-  
cionalmente equilibrado (...). Se a pessoa  
está irritada, o cavalo se irrita; se está com  
medo, ele [o cavalo] fica receoso. É um  
espelhamento*”. A fala do terapeuta parece  
indicar que, além do reconhecimento de  
emoções humanas por parte do cavalo,  
haveria uma troca espelhada de estados  
entre humanos e cavalos, trazendo a ideia  
estes estados circulam e se afetam entre  
estes atores<sup>20</sup>.

Para os terapeutas da Hípica, os  
cavalos do Centro seriam capazes de per-  
ceber sinais no mundo, como identificar  
objetos (carro, trator e caminhão) e ani-  
mais à distância (como avestruz, gavião,  
vaca, pavão, outros cavalos). Percebendo  
estes sinais, cavalos podem se alterar: di-  
minuem ou aumentam a velocidade do  
passo, modificando o ritmo da caminha-  
da. Podem parar sua caminhada se estão  
“curiosos” em relação a outro cavalo que,

eventualmente, o grupo se depara no ca-  
minho; podem talvez diminuir o ritmo do  
passo se estão “desconfiados” do gavião  
que pousa à frente, no término da pista,  
ou, então, o cavalo pode “disparar”, isto é,  
acelerar a velocidade do passo abrupta-  
mente, se estiver “assustado” ou “medro-  
so” (o novato Simba teria medo de aves-  
truzes, Dominó de gaviões e barulhos cau-  
sados pela maquinaria da fábrica adjacen-  
te à Hípica)

Nestas ocasiões, em que os cava-  
los param sua caminhada quando deveri-  
am manter o passo, terapeutas procuram  
atentar e adentrar a experiência do ani-  
mal. Por exemplo, quando o animal se  
movimenta mais lentamente em relação  
ao ritmo que se espera, os terapeutas ge-  
ralmente pedem ao auxiliar-guia para que  
interrompa a caminhada e, se dirigindo  
verbalmente ao cavalo em questão, fazem  
perguntas como “Você quer fazer xixi?”,  
“Está com dor?”, ou, ainda, “Está fingin-  
do?”.

As inferências em relação ao  
comportamento dos cavalos demonstra-  
das acima, além de caracterizarem inten-  
ções de cavalos e reconhecimento das  
mesmas por parte de humanos, ilustram  
também o modo como certas atitudes de  
controle e domesticação incidem sobre  
estes animais.

---

<sup>19</sup> *Horsemanship* constitui uma modalidade de  
treino e interação com cavalos que se vale de um  
conjunto de técnicas de controle, domínio e co-  
nhecimento sobre as ações do animal, com ênfase  
no aprendizado das formas de comunicação entre  
humanos e animais. Para maiores detalhes, consul-  
tar Birke (2007).

<sup>20</sup> Esta troca reativa de estados pode ser pensada,  
ainda, em termos de indução recíproca entre cava-  
lo e humanos (Haraway, 2008), conforme discuti-  
do adiante.

## VII. Intenção, domesticação e adestramento

Cavalos podem ser “traíçoeiros”, “folgados” e “preguiçosos” em relação aquilo que terapeutas esperam deles na Hípica, mas vimos acima que cavalos também podem se assustar, sentir medo, ou “desconfiar” de outros animais (gavião, aves-truz, e também humanos). Quando o estado de “estar com medo” foi referido para explicar a mudança nos movimentos dos cavalos durante a montaria, frequentemente terapeutas repetiram que o cavalo se encontraria em “condição de presa na natureza”, por isto o medo dos outros animais em questão. Neste sentido, cavalos da Hípica são agentes múltiplos: eles pensam, preveem, calculam, percebem e fingem. Longe de serem tomados como recursos neutros, cavalos se impõem intencionalmente aos humanos. Cavalos têm interesses e expectativas e de acordo com estas reagem e mesmo desafiam as atitudes humanas. Isto se nota quando, durante as montarias, terapeutas evocam a noção de que o cavalo “não quer trabalhar”, ou tem predileção por certos movimentos, geralmente aqueles associados ao mínimo esforço corporal, e aversões a barulhos, pressão ou toque em certas partes de seu corpo.

Evitar as “manias”, “frescura”, “preguiça” e “fingimento” por parte dos

cavalos significa impor um ritmo e ordenamento do corpo específico ao cavalo. Em conversa com o terapeuta F., este dizia ainda que o cavalo na equoterapia deve ser mais contido, pois nesta atividade é necessário que se exerça um controle sobre ele. Outro exemplo desta modalidade de adestramento que ocorre na equoterapia apareceu quando, após evocar o potencial bélico e a nobreza deste animal, o terapeuta completou, “*Ele [o cavalo] se submete, e é estressante [para ele]. Fazer xixi, espantar as moscas, suportar as brincadeiras, ele é cerceado em sua possibilidade de expressar sua sensibilidade*”<sup>21</sup>.

É neste sentido que seus corpos comunicam intenções. Além disto, as considerações em relação às características dos cavalos (folgados, medrosos, antipáticos, cismados, desconfiados, imprevisíveis, presas na natureza, conquistáveis) se prendem o tempo todo à avaliação em termos da adequação do cavalo ao repertório esperado de condutas corporais e

---

<sup>21</sup>Em outra ocasião, a terapeuta R. comenta com o praticante M., “*O cavalo aqui na equoterapia nunca pode fazer o que ele quer. Por exemplo, tirar uma mosca de seu corpo, caminhar mais rápido ou mais devagar. Mas eu faço o possível pra atender as solicitações do cavalo*”. Em seguida, porém, a terapeuta reitera fazer o possível para não impedir o cavalo, e tentar atender ao máximo a ele. E acrescenta, dirigindo sua entonação ao praticante M.: “*Mas também em compensação ele [o cavalo] recebe a melhor comida, cenouras... Ele tem amigos [na Hípica], o cavalo é um animal que precisa viver em grupo*”.



comportamentos previstos<sup>22</sup>. Ao afirmar ainda que “quando saem da cocheira, eles [cavalos] querem correr, pular e saltar”, a terapeuta R. remete à natureza do cavalo que, não fossem as limitações impostas nos termos da equoterapia, desfrutaria de certa “liberdade corporal”. Condições estas que apresentam certa naturalização dos comportamentos dos cavalos por parte dos terapeutas que, posicionado num esquema ecológico presa-predador, é imediatamente associado com características de comportamento dela derivadas.

Acompanhei algumas sessões de treino com cavalos da Hípica, ocasiões em que o terapeuta monta frequentemente o cavalo que já é membro da equipe. Segundo a terapeuta R., neste tipo de adestramento, procura-se obter domínio e controle sobre as ações do cavalo, por meio de comandos corporais enviados a ele<sup>23</sup>. No

---

<sup>22</sup>Por outro lado, terapeutas consideram que na Hípica os cavalos são “estressados” e “sobrecarregados”. Diz a terapeuta R.: “(...) É muito desgastante para o cavalo trabalhar quatro horas seguidas. É menos cansativo para um cavalo que faz uma hora de exercício pesado e depois para, do que o que fazem os cavalos da equoterapia (...). Por isso que o Choco vai ter só mais um cliente hoje”. Tais considerações, porém, têm como pressuposto uma “natureza” própria ao animal, que estaria sendo constrangida em nome da equoterapia.

<sup>23</sup> Este tipo de treino realizado pela terapeuta coloca em questão a ocorrência de sofrimento ao cavalo. Aparentemente, é sugestivo que o cavalo seja, de variadas formas, controlado e limitado, conforme os próprios terapeutas afirmaram diversas vezes, quando consideravam que na Hípica os

caso de cavalos iniciantes na equoterapia, se requer um período de cerca de dois meses para avaliar se o seu comportamento é “adequado”, isto é, se não se “altera” durante a caminhada, e se responde aos movimentos sugeridos pelo toque do terapeuta. A terapeuta R. ressalta que, inicialmente, é importante que o cavalo em treino possa caminhar “do jeito que ele gosta”, para acostumá-lo ao ambiente e, depois, poderia impor um ritmo mais lento a ele. Explica também que a rédea é um dos canais de comunicação entre o cavaleiro e o cavalo. Alongar e encurtar as rédeas acelera ou freia o ritmo do cavalo, bem como permite a passagem de um tipo de movimento para outro, como do passo para o trote, e do trote ao galope, além de inclinações para os lados em caso de movimentos circulares. Para fazer a passagem do trote para o galope, a terapeuta R. diz que, “em casos de um cavalo bem treinado, o cavalo responde imediatamente. Ao encurtar a rédea o cavalo encurta sua cabeça e então o cavaleiro assume autoridade so-

---

cavalos são “estressados” e “sobrecarregados”. Diz a terapeuta R.: “(...) É muito desgastante para o cavalo trabalhar quatro horas seguidas. É menos cansativo para um cavalo que faz uma hora de exercício pesado e depois para, do que o que fazem os cavalos da equoterapia (...). Por isso que o Choco vai ter só mais um cliente hoje”. Tais considerações, porém, têm como pressuposto uma “natureza” própria ao animal, que estaria sendo constrangida em nome da equoterapia.

bre o cavalo. *Aí o cavalo faz o que você quer*".

O treino incide, portanto, na relação rédea-movimento, e permite certo domínio, mando, e conquista sobre as ações e movimentos corporais dos cavalos. O regime de comunicação, verbal e não-verbal, que se estabelece para humanos e cavalos, portanto, remete imediatamente a certo controle e construção de corpos adequados<sup>24</sup>. A exaltação ao cavalo Vagalhão, conferida diversas vezes em campo, reitera o ideal de cavalos dóceis buscados na equoterapia e o apreço dado a cavalos que não contrariam aos comandos: *"Vagalhão tem uma gentileza incondicional, não enrola, não engana, não se altera. Dá para fazer de tudo com ele"*<sup>25</sup>.

---

<sup>24</sup> Em casos em que ações e comportamentos requeridos dos cavalos deixam de ser atendidos com certa frequência, o cavalo pode ser "mandado embora". É o caso das dispensas da égua Sol e do cavalo Simba que, durante o período de treino, não "cooperaram" ou se assustavam facilmente com movimentações de pessoas e objetos ao redor. No limite, estes procedimentos evidenciam a recusa por aqueles cavalos que se comportam diferentemente do esperado. Neste caso, foi dito que estes cavalos "não serviam" para a equoterapia.

<sup>25</sup> Outro exemplo do ideal de comportamento assegurado aos cavalos se demonstra quando R. pergunta ao garoto: *"Lembra qual é o único cavalo que não tenta enganar a gente?"* ao que o garoto responde *"O Vagalhão"*. E ela continua: *"O Nini é o segundo. E o Choco é o campeão. O Domi também enrola, o Skate (...). O Vaga é um santo, também porque fez bastante aula de equitação, que dá disciplina para o cavalo. Também vai da índole do cavalo, da boa ou má vontade, do terapeuta. O Tic-*

Espera-se que o cavalo já treinado, sobretudo, socialize "bem" com os praticantes, e tolere as condições impostas a ele<sup>26</sup>. A fala da terapeuta R., ao referir-se aos cavalos Tic-Tac e Nini, sugere a ideia de que a equoterapia faz certa transformação no comportamento dos cavalos que, de bravos e inconstantes, se tornariam cooperativos e estáveis: *"Tic-Tac era muito bravo, não queria andar, murchava suas orellhas... E aí fui treinando, treinando, e ele melhorou. Que nem o Nini. Hoje é um cavalo bem calmo, constante e submisso"*.

Medidas de controle, porém, não limitam a existência dos cavalos ao nível de toda a sua capacidade de ação. O terapeuta F. certa vez afirmou que *"O cavalo tem que ter seu respeito conquistado"*, pois, diferentemente do caso dos *pets*, que seriam submissos ao ser humano, o cavalo requer dos humanos que com ele se relaciona certa "autorização". Neste caso, podemos notar certa atribuição de agência ao cavalo, ao considerar a necessidade de "conquistá-los", sugerindo certa capacidade que os cavalos teriam em termos de domínio e controle sobre humanos.

---

*Tac, depende. Ele engana bastante a G. [outra profissional que fazia parte da equipe]*".

<sup>26</sup> Indica-se, portanto, a ocorrência de um aparato de docilização ao qual o animal teria de se adaptar e submeter, ou então, caso resista a ele, será recusado como cavalo apto para ser inserido na terapêutica (Despret, 2004).

Ainda, comentários recorrentes durante as visitas a campo, tais como a noção de que o cavalo pode ser aversivo ao contato humano (“Dominó não gosta de gente”), e, de modo mais situado, durante as sessões, quando os cavalos “desafiam”, ou “tentam controlar” e “dominar o território”, parecem claramente assumir que há certa disputa entre cavalos e humanos neste cenário. Ali, os cavalos também dão o tom nas sessões; eles podem competir e contrariar os comandos dos terapeutas<sup>27</sup>.

### **VIII. Trans-relacionamentos: humanidades e animalidades**

Conforme vimos acima, os gestos nas montarias seguem certa prescrição e são coordenados por meio de negociações constantes, partindo inicialmente dos terapeutas, mas se espalham por todos os membros do grupo. Neste sentido, os atores estariam imersos em um regime cor-

---

<sup>27</sup> Daí que as relações de controle sobre os cavalos são instáveis, porque se reconhece a capacidade de agência do animal (subjetividade que é alvo de especulação por parte dos humanos envolvidos). Por isso a relação humano-animal na equoterapia não parece se resumir apenas a uma questão de superioridade, domínio e controle, sustentadas em um antropocentrismo mais clássico, ou a uma relação mecânica de exploração ou crueldade. Além disto, o reconhecimento da capacidade agentiva dos cavalos traz junto o grau de imprevisibilidade nas relações entre humanos e animais na Hípica.

poral de relações de diferença (Haraway, 2008), em que as ações de terapeutas, praticantes, auxiliar-guia e cavalos se dinamizam a partir de variações de dependência e autonomia.

Ao ordenamento dos movimentos, portanto, subjaz uma cadeia de distribuição de comandos corporais, que dá lugar a relações móveis entre os atores, quanto à condução, orientação e posição de corpos (diádicas, triádicas, e assim por diante). É nesta composição de comandos e contato que o toque apresenta-se como um dos sentidos mais requisitados, e estabelece as bases da interação entre cavalos, praticantes, terapeutas e auxiliares-guia.

Na linha de argumento dos terapeutas, o praticante, montado sobre as costas do cavalo, recebe a “potência” do cavalo e acederia a uma nova visão de mundo. De fato, se pensarmos em termos da morfologia do grupo e da posição que cada membro corporifica, o praticante se sobressai diante dos demais enquanto monta o cavalo, ocupando uma altura mais elevada. É neste sentido que a “ampliação do horizonte”, conforme se referiram os terapeutas, se consolidaria na constituição do praticante para além do término da sessão de montaria.

É como se a montaria propiciasse um momento e espaço em que os membros do grupo estão imersos em um processo de interação que reúne a todos (po-

rém distintamente). Neste processo, cada membro é constitutivo do outro, na medida em que suas ações são respostas às ações de outros e, por sua vez, geram respostas que, em sequência, desenham certo tipo de alinhamento ao longo da montaria (Kohn, 2013). Em uma duração temporal e deslizamento espacial precisos, a montaria posiciona os membros em um processo em que praticante, cavalo, terapeuta e auxiliar-guia emergem como membros mutuamente afetados e constituídos, como uma prática de “tornar-se com” (*becoming with*, originalmente, Haraway, 2008). Constituição mútua que se sustenta, sobretudo, a partir de formas de comunicação verbal e não-verbal estabelecida entre o conjunto dos atores, sendo a própria condição de possibilidade da equoterapia.

O cavalo, nestas situações, parece dotado de uma capacidade agentiva significativa. Exemplos seriam os diversos comentários de familiares e terapeutas, reportando que, após dado período de tratamento, o praticante, “com muitos problemas”, como a falta de concentração, agitação constante, má postura, passa a ser mais “calmo”, “centrado” e com melhor interação na escola, dentre outras características. O que nos leva a pensar que, neste contexto, há um processo de fabricação de pessoa, em que o cavalo seria capaz de reforçar ou potencializar características

que definem o que é humano. Curiosamente, o animal, alteridade outrora máxima e pólo oposto ao humano (Ingold, 1995), estaria neste caso a favor de uma tentativa de reforço à humanidade dos praticantes. No limite, a alteridade do cavalo parece ser tomada como fonte de humanidade.

Além de supostamente afetar a constituição do praticante para além da duração da montaria, a experiência física de praticantes e cavalos apresenta o modo como estes se constituem um ao outro em níveis físicos e níveis mais do que físicos, ao caminharem articulados em um processo relacional (Ingold, 2000). Se considerarmos, hipoteticamente, que na montaria praticante “recebe” força, potência e velocidade do cavalo, e assim se converte em algo a mais, por outro lado, o cavalo, ao ser montado (e se é certo que há certa influência entre os membros do grupo), parece também estar suscetível a transformações e, de certa forma, ser afetado para além da montaria.

Se num primeiro nível a justificativa para a presença dos cavalos em terapias humanas parece aproximá-los à função de terapeutas, ao considerarmos os sucessivos treinos e medidas de adestramento operados dentro da Hípica, podemos perceber que o uso da capacidade terapêutica do cavalo (movimento, ritmo, força, energia, potência) se faz por meio

do exercício constante de controle pelos terapeutas. Idealmente, o cavalo “imprevisível” seria convertido em um cavalo dócil, obediente e estável, que segue os comandos enviados (pelo terapeuta e, conseqüentemente, pelo auxiliar-guia) e não apresenta “riscos” para o praticante.

É preciso, portanto, treinar e controlar o animal de modo a estabelecer sua capacidade terapêutica. Tal controle das “capacidades terapêuticas” dos cavalos parece, assim, necessário, uma vez que suas intencionalidades são tomadas pelos terapeutas como dúbias (se o controle sobre o animal já não se faz presente, estaria implicado certo gradiente de risco aos humanos). A eficácia terapêutica, portanto, não estaria dada no cavalo *per se* (ou no movimento tridimensional em si mesmo, como uma agência sem intenção, ou involuntária), mas em sua manipulação cuidadosa pelos humanos (e no controle de sua ação corporal- ou intenção- para além dos comandos recebidos).

Alternativamente, se, de um lado, podemos compreender a equoterapia como uma prática de domesticação, cujo fim último é tornar os cavalos obedientes e dóceis àquilo que humanos esperam (valendo-se de um ideal de boa conduta para os cavalos), de outro, podemos pensar que humanos e animais neste contexto ocupariam um cenário produtor de novos modos de se relacionarem (que, entretanto,

inclui atitudes de controle e docilização, mas não se limita a estas), trazendo a eles outras possibilidades de existência por meio da associação entre seus corpos (Despret, 2004).

LUNA CASTRO PAVÃO

Maestranda en el Programa de Post-Graduación en Antropología en la Universidad Federal de São Carlos-UFSCar. Sus temas de investigación están vinculados a relaciones entre humanos y animales, naturaleza y cultura, humanidad y animalidad, animales de terapia, zooterapia.

Participó de diversos eventos, como la XIX Conferencia de la Asociación de Jóvenes Investigadores del Grupo Montevideo-AUGM 2011, el Coloquio "Animales en mente. Escuchar, entender y responder, en Michoacán, y el II Seminario de Antropología en UFSCar.

## Bibliografía

- Birke, Lynda. "Learning to Speak Horse": The Culture of "Natural Horsemanship". *Society and Animals*, vol. 15, 2007, pp. 217-239.
- Costa-Neto, E.M. Healing with animals in Feira de Santana city, Brazil. *Journal of Ethnopharmacology*. 65, 1999, pp. 225-230.
- Despret, Vinciane. 2004. The body we care for. Figures of anthropo-zoo-genesis. *Body and Society*. Vol. 10 (2-3): 111-134. Disponível em: <[http://orbi.ulg.ac.be/bitstream/2268/135549/1/despret\\_2004\\_thebodywecarefor.pdf](http://orbi.ulg.ac.be/bitstream/2268/135549/1/despret_2004_thebodywecarefor.pdf)>. Acesso em Julho 2013.

Haraway, Donna. *When species meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

Ingold, Tim. “Humanidade e Animalidade”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* (São Paulo), n.28, 1995.

\_\_\_\_\_. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling, and skill*. New York: Routledge, 2000.

Kohn, Eduardo. “How Forests think”, *Toward an anthropology beyond the human*, Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2013.

Oliva, V.N.L.S, “Terapia assistida por animais”, *Zooterapia: os animais na medicina popular brasileira*. COSTA-NETO, E.M.; ALVES, R.R.N. Recife: NUPPEA, 2010.